

## GUERRA NO LESTE EUROPEU

Presidente russo promete aceitar plano de Trump e suspender ataques, mas condiciona trégua à entrega dos territórios reivindicados por Moscou. Analistas veem falta de compromisso do Kremlin

# Putin exige recuo militar da Ucrânia

» RODRIGO CRAVEIRO

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, sinalizou positivamente em relação ao plano de paz proposto pelo colega americano Donald Trump, mas condicionou o fim da guerra a um recuo das tropas da Ucrânia de regiões anexadas por Moscou. "Se as forças ucranianas se retirarem dos territórios que controlam, então cessaremos as operações de combate", declarou o líder do Kremlin, durante visita ao Quirguistão. "Se não o fizerem, então vamos alcançar com meios militares." O documento apresentado pela Casa Branca traz 28 pontos, entre eles a cessão territorial de Donetsk e Luhansk (na região do Donbass, leste) e da Península da Crimeia para a Rússia.

Putin insistiu que a ofensiva russa "é praticamente impossível de deter, então há pouco a fazer diante disso". Atualmente, o Exército de Moscou controla um quinto do território da Ucrânia. Na próxima semana, Steve Witkoff, enviado especial de Trump, viajará à capital russa para tentar destravar o plano de paz em negociações com as autoridades do governo Putin. O chefe do Kremlin repetiu que o texto de Washington "pode servir de base para futuros acordos". Putin colocou em xeque a legitimidade de seu homólogo ucraniano, Volodymyr Zelensky, e considerou ser "quase impossível" a assinatura de um pacto neste momento.

A guerra entre Rússia e Ucrânia provocou a morte de dezenas de milhares de pessoas e forçou milhões a deixarem suas casas, no pior conflito na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Pelo menos 20 mil crianças ucranianas teriam sido levadas pelo Exército russo.

De acordo com a cientista política ucraniana Kateryna Shtepa — especialista em Leste da Europa pelo Instituto Britânico de Assuntos Globais (em Kiev) —, Moscou exige que a Ucrânia devolva todos os territórios ocupados depois da invasão de 24 de fevereiro de 2022 e reconheça a Crimeia e o Donbass como regiões russas, as quais estavam ocupadas desde 2014. "O governo de Volodymyr Zelensky rejeita categoricamente qualquer concessão territorial", disse ao **Correio**. "Em essência, as negociações congelaram novamente. Nenhum dos lados está disposto a ceder um milímetro, enquanto a situação na linha de frente se deteriora a cada dia que passa."

Professor de política comparada da Universidade Kyiv-Mohyla (em Kiev), Oleksiy Haran lembrou que o Kremlin exige que as forças ucranianas se retirem de territórios não ocupados pela Rússia. "É algo realmente maluco. O que a Rússia diz é: 'Por favor, saia desse território, pois ele é meu'. Não me lembro de casos recentes em que

Darya Nazarova/AFP



### Duas perguntas para...

**OLEKSANDRA MATVIICHUK,**  
PRESIDENTE DA ONG CENTRO PARA AS LIBERDADES CIVIS (EM KIEV) E GANHADORA DO PRÊMIO NOBEL DA PAZ EM 2022

**Qual é condição para a Ucrânia aceitar um plano de paz, na sua opinião?**

Qualquer plano de paz deve responder à questão se é capaz de pôr fim à guerra. A Rússia lançou uma invasão em larga escala não para ocupar parte do território ucraniano. Ela o fez para ocupar toda a Ucrânia e ir além. Putim busca restaurar o Império Russo. Ele ainda não desistiu dessa meta. Então, o plano deve incluir garantias reais de segurança que a versão anterior do texto não continha. Então, o plano tem que ser melhorado.

**Trump disse que um acordo está muito perto. Como vê isso?**

Não vejo que estamos ficando mais próximos da paz. Porque, na Ucrânia,



Arquivo pessoal

não olhamos para palavras, mas para ações. Putim mentiu que não foi seus soldados que capturaram a Crimeia em 2014. Putim mentiu que não planejava uma guerra em larga escala em 2022. Agora, mente que deseja a paz. Ao mesmo tempo, centenas de drones e mísseis russos destróem cidades pacíficas na Ucrânia todos os dias. Essa é a realidade. Por isso, o Tribunal Penal Internacional chamou essas ações de crimes contra a humanidade e abriu um caso criminal contra autoridades russas. (RC)

um Estado alega ser dono de parte do território de outro Estado. Não há precedentes nas relações internacionais", afirmou à reportagem. "Isso significa que, nesse momento, a Rússia não está interessada em

negociações reais", acrescentou, em alinhamento com Shtepa.

Haran não acredita que Moscou deseje um cessar-fogo. "O que deveria vir primeiro: o cessar-fogo ou o acordo? O

ponto número um deveria ser a trégua. Não acredito que a abordagem proposta pelos EUA seja a correta", adverte. "Nós teremos alguma garantia de que, depois de concessões de nossa parte, a Rússia deterá a guerra? Isso não é algo sério."

Segundo Kateryna Shtepa, a Rússia move-se pela ambição imperial e pela determinação de preservar a dominância. "Por sua vez, a Ucrânia é impulsionada pelo desejo ardente de recuperar suas terras, fazer justiça aos caídos e garantir uma paz duradoura", avaliou. Ela pensa ser "altamente improvável" que a Ucrânia aceite voluntariamente os termos da Rússia. "Resta apenas esperarmos por uma diplomacia americana construtiva e uma nova estrutura para a paz", concluiu.

### Turquia

Ontem, ao iniciar a sua primeira visita apostólica ao exterior, na Turquia, o papa Leão XIV instou o presidente Recep Tayyip Erdogan a desempenhar um papel "estabilizador" em um contexto mundial "fortemente conflituoso". "Senhor presidente, que a Turquia seja um fator de estabilidade e aproximação entre os povos, a serviço de uma paz justa e duradoura," declarou o pontífice, que elogiou o país como "uma ponte Oriente e Ocidente, entre Ásia e Europa e uma encruzilhada de culturas e religiões". A Turquia tem desempenhado papel importante nas negociações entre autoridades da Ucrânia e da Rússia.



Bombeiros combatem fogo no condomínio de Wang Fuk Court: mais de 80 mortos

"Não tenho palavras. Havia crianças (...) Não consigo descrever", disse à agência de notícias France Presse (AFP).

Professor do Centro de Resiliência Urbana Inteligente e de Combate a Incêndios da Universidade Politécnica de Hong Kong, Xinyan Huang explicou ao **Correio** que o principal problema envolvido na tragédia de quarta-feira é o andaime de bambu na fachada do prédio. "Inflamável, o material promove uma rápida propagação das chamas. Além disso, o projeto especial do 'corredor frio' — um canal estreito entre os apartamentos usado para ventilação e iluminação — também cria um forte efeito chaminé", afirmou. "Juntos, o andaime de bambu inflamável e o forte efeito chaminé fazem com que o fogo vertical se propague tão rapidamente que torna impossível a qualquer sistema de proteção contra incêndios controlá-lo."

De acordo com Xinyan, fotografias recentes do local da catástrofe também indicam que a queima da placa de espuma plástica utilizada para a vedação da janela

contribuiu para a propagação do fogo externo para o interior do apartamento. "Algumas janelas estavam cobertas por essas placas, que bloqueiam completamente a visão para o exterior. O complexo Wang Fuk Court é um condomínio antigo, foi

construído 42 anos atrás, e não possui sistema de alarme de incêndio interno. À época da construção, o antigo código de incêndio não exigia esse sistema", observou o especialista de Hong Kong. (Rodrigo Craveiro)

## ESTADOS UNIDOS



Empregados do metrô de Washington lavam sangue, perto da Casa Branca

## Morre soldado baleado em ataque na capital dos EUA

Sarah Beckstrom, 20 anos, morreu ontem, informou o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. O outro jovem soldado baleado em ataque na quarta-feira, Andrew Wolfe, 24, permanece em estado crítico. O país está em choque em um dia que normalmente é tranquilo e familiar devido ao feriado de Ação de Graças.

O FBI (polícia federal dos Estados Unidos) abriu uma investigação por terrorismo ao descrever como uma "emboscada" o ataque de um homem armado contra dois militares da Guarda Nacional, a dois quartéis da Casa Branca.

As autoridades identificaram o atirador como Rahamanullah Lakanwal, um afgão de 29 anos que trabalhou com as forças americanas em seu país durante a guerra contra os talibãs e mudou-se para os EUA em 2021, quando Washington retirou suas tropas do Afeganistão. Lakanwal é casado e pai de cinco filhos.

As autoridades identificaram o atirador como Rahamanullah Lakanwal, um afgão de 29 anos que trabalhou com as forças americanas em seu país durante a guerra contra os talibãs e mudou-se para os EUA em 2021, quando Washington retirou suas tropas do Afeganistão. Lakanwal é casado e pai de cinco filhos.

Em vídeo publicado ontem, o presidente Donald Trump chamou o atentado de "ato de maldade" e fez críticas aos imigrantes — referiu-se a estrangeiros como uma "ameaça existencial" à segurança nacional dos EUA. O líder republicano determinou a suspensão do processamento de solicitações de imigração de afgãos e a reavaliação da concessão de green card para naturais de 19 países: Afeganistão, Birmânia (Mianmar), Chade, República do Congo, Guiné Equatorial, Eritreia, Haiti, Irã, Líbia, Somália, Sudão, Iêmen, Burundi, Cuba, Laos, Serra Leoa, Togo, Turcomenistão e Venezuela. "Deveremos tomar todas as medidas necessárias para assegurar a expulsão de qualquer estrangeiro de qualquer país que não pertença aqui ou que não traga benefícios ao nosso país. Se não podemos amar o nosso país, não os queremos", declarou Trump.

A procuradora federal para o Distrito de Columbia, Jeanine Pirro, informou que Lakanwal, 29, morava no estado de Washington, na costa oeste do país, e que chegou de carro ao local do ataque. Ele enfrentava acusações de tentativa de homicídio, mas agora, com a morte da jovem militar, será acusado de homicídio em primeiro grau (quando há intenção e premeditação). "Ele escolheu o alvo errado, a cidade errada e o país errado", alertou Pirro.

O suspeito fazia parte da NDS-03, uma das unidades afgãs de elite de contraterrorismo que trabalhava para a CIA com apoio direto militar e de inteligência dos Estados Unidos, segundo a AfghanEvac, uma ONG que ajudou a reassentar afgãos nos Estados Unidos.

## Ex-aliado

A procuradora explicou que Lakanwal abriu fogo com um revólver calibre .357 contra um grupo de guardas nacionais que patrulhavam quartéis nas proximidades da Casa Branca. As autoridades ainda não possuem indícios da motivação do ataque. O diretor da Agência Central de Inteligência (CIA), John Ratcliffe, afirmou que o suspeito fazia parte de um comando apoiado por Washington que lutou contra os talibãs no Afeganistão. Ele acrescentou que Lakanwal desembarcou nos EUA por meio de um programa de realocação de afgãos que colaboraram com a CIA.

O diretor do FBI, Kash Patel, afirmou que as autoridades investigam qualquer possível cúmplice que o suspeito possa ter, seja em seu país de origem ou nos EUA.